

**IDENTIDADE TERRITORIAL E MIGRAÇÃO DOS JOVENS DA COMUNIDADE  
QUILOMBOLA DE BARRO PRETO EM SANTA MARIA DE ITABIRA - MG**

**TERRITORIAL IDENTIFY AND MIGRATION OF YOUNG PEOPLE FROM THE  
QUILOMBOLA COMMUNITY OF BARRO PRETO IN SANTA MARIA DE  
ITABIRA - MG**

Daniel Ribeiro Victor<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este trabalho, submetido às disciplinas Metodologia de Pesquisa: Metodologias Participativas e Tecnologias Sociais, e Oficina de Integração Curricular Comum: Metodologias Participativas do 4º período do Instituto de Ciências Humanas da PUC Minas, buscou identificar como os moradores da comunidade quilombola de Barro Preto, mais precisamente os jovens, lidam com a questão de serem quilombolas, com as dinâmicas territoriais dentro da própria comunidade, e no entorno ou não de Santa Maria de Itabira, em Minas Gerais, onde se localiza Barro Preto. Elegeu-se, de forma primária, compreender como os jovens quilombolas se relacionam com a comunidade de Barro Preto, no que diz respeito ao território e às oportunidades de trabalho e estudo, compreendendo se os jovens possuem facilidade para obter estas modalidades de ocupação na própria comunidade ou em áreas próximas, e identificar se os jovens quilombolas de Barro Preto se sentem pertencentes e identificados à comunidade, bem como ao seu território. Considerando a posição geográfica de Santa Maria de Itabira e, conseqüentemente, da comunidade quilombola de Barro Preto, os jovens que lá residem provavelmente possuem dificuldades para se inserirem no mercado de trabalho e no ensino superior, acabando por serem direcionados às cidades circunvizinhas e aos grandes centros urbanos onde se concentram mais e melhores oportunidades. O presente trabalho utilizou-se, inicialmente, de revisão bibliográfica, visita a campo para aplicação de questionários a jovens da comunidade, entrevista com o líder comunitário e mapa da região de Santa Maria de Itabira.

**Palavras-chave:** Migração. Quilombola. Território.

**ABSTRACT**

This work, submitted to the Research Methodology: Participatory Methodologies and Social Technologies, and Common Curricular Integration Workshop: Participatory Methodologies of the 4th period of the Institute of Human Sciences of PUC Minas, aimed to identify how the residents of the quilombola community of Barro Preto, more precisely the young, deal with the issue of being quilombolas, with the territorial dynamics within the community itself, and around or not around Santa Maria de Itabira, in Minas Gerais, where Barro Preto is located. The primary choice was to understand how young quilombolas relate to the community of Barro Preto, regarding the territory and the opportunities for work and study, understanding whether young people have the facility to obtain these types of occupation in their own homes. community or in nearby areas, and identify whether young quilombolas from Barro Preto feel belonging to and identified with the community as well as its territory. Considering the geographical position of Santa Maria de Itabira and, consequently, of the quilombola community of Barro Preto, the young people who live there probably have difficulty inserting themselves in the job market and in higher education, eventually being directed to the

---

<sup>1</sup> Licenciado e bacharel em Geografia pela PUC Minas, mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial (PPG-TIE), pela PUC Minas. [danielrvictor93@gmail.com](mailto:danielrvictor93@gmail.com)

surrounding cities and large urban centers. where more and better opportunities are concentrated. The present work initially used a literature review, field trip to apply questionnaires to young people in the community, interview with the community leader and map of the region of Santa Maria de Itabira.

**Keywords:** Migration. Quilombola. Territory.

## **1 INTRODUÇÃO**

Comunidades quilombolas fazem parte das origens do Brasil e trazem consigo uma vivência de luta e resistência do povo negro mediante o escravismo colonial. Não se pode mencionar quilombos e quilombolas e se abster dos fatores políticos existente por detrás dessas comunidades. A luta quilombola do Brasil intensificou-se na década de 70. Porém, recentemente, o movimento afro-brasileiro reivindica o direito à permanência e o reconhecimento de posse legal das terras ocupadas e cultivadas, com a justificativa sendo pautada nas questões de moradia e sustento. É importante salientar que, no Brasil, os estados que possuem mais comunidades quilombolas, segundo a Fundação Palmares, são Pará e Maranhão. Estima-se que existam mais de mil comunidades quilombolas nesses estados. (LEITE, 2000).

A formação dos quilombos possui um denominador comum: revoltas. Mas nem toda comunidade quilombola foi originária de revoltas. Alguns quilombos se formaram através da adesão de fugitivos individuais e/ou em pequenos grupos. E outros são oriundos de revoltas e fugas coletivas. A formação do Quilombo de Palmares, talvez o mais conhecido da história brasileira, teve suas origens mediante revolta coletiva.

Sendo assim, observa-se a importância de comunidades quilombolas em nossa nação. Não somente no sentido histórico da questão, mas também sob o aspecto sociopolítico brasileiro. Comunidades quilombolas são parte intrínseca às origens revolucionárias do Brasil. São movimentos que, nos dias atuais, ainda lutam com intuito de reivindicar seus direitos. Um movimento que lutou de forma intensa no passado e vem se ressignificando com o tempo, como se pode observar na comunidade do Barro Preto. Um movimento que vem se transformando, mas que não abandona a sua origem de luta por aquilo que lhes pertence, seu território e sua cultura.

Compreender como os moradores de Barro Preto, mais precisamente os jovens, lidam com a questão de serem quilombolas, com as dinâmicas territoriais dentro da própria comunidade e no entorno ou não de Santa Maria de Itabira em Minas Gerais, por meio do processo de migração em busca de trabalho e/ou estudo, será o ponto focal do presente trabalho.

## **2 BREVE MARCO TEÓRICO**

### **2.1 Territorialidade e identificação**

O conceito central de territorialidade é definido por Little (2002, p. 3), em termos antropológicos, como “o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu território”. O conceito território, conforme Flores (2006), foi tratado inicialmente pelas ciências naturais. Essa área de estudo estabeleceu a relação entre o domínio de espécies, sejam elas animais ou vegetais, em relação a uma área física. Depois, o mesmo conceito passou a ser incorporado pela geografia, relacionando o espaço, os recursos naturais, sociedade e poder. Diversas outras áreas passaram a incorporar o debate acerca do território, entre elas a sociologia, a antropologia, a economia e a ciência política. Tizon (1995), em um sentido antropológico, define o território como sendo um “ambiente de vida, de ação, e de pensamento de uma comunidade, associado a processos de construção de identidade”. Concordando com Tizon (1995), Abramovay (1998, p. 5) caracteriza que “um território representa uma trama de relações com raízes históricas, configurações políticas e identidades que desempenham um papel ainda pouco conhecido no próprio desenvolvimento econômico”.

Portanto, um território pode ser constituído como sendo um ambiente de relações sociais, onde há o sentimento de pertencimento dos atores locais à identidade construída (FLORES, 2006). O saber-fazer da região pode ser, assim, uma própria forma de expressão da cultura local, que, por sua vez, define a identidade, através da qual se estabelecem as relações de indivíduos e grupos (FLORES, 2006).

### **2.2 Migrações: causas e consequências**

Araújo *et al.* (2014) relatam que, no que diz respeito aos indicadores provindos de censos e pesquisas regulares, tais como a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), estes fornecem bases empíricas consistentes ao debate sobre as eventuais oportunidades oferecidas à juventude brasileira, seja de emprego, seja de estudo. Algumas versões mais otimistas alimentam-se das evidências de ampliação do emprego de jovens, enquanto as pessimistas encontram apoio no contingente expressivo dos que não estavam frequentando o ensino regular, nem trabalhando na ocasião dos levantamentos censitários (ARAÚJO *et al.*, 2014).

Na atualidade, ao se tratar de um mundo globalizado, movimentos migratórios são componentes recorrentes e fundamentais para a transmissão de conhecimento no sentido cultural, bem como para a obtenção de melhores oportunidades de estudo e/ou trabalho. Oliveira e Jannuzzi (2005) reforçam este raciocínio.

De um lado, há a dominância de modelos, abordagens e teorias interpretativas do fenômeno migratório como resultado dos desequilíbrios regionais dos fatores de produção (em especial, do trabalho). De outro, há a regularidade empírica do padrão etário dos migrantes (jovens, sobretudo homens de 15 a 29 anos de idade). (OLIVEIRA; JANNUZZI, 2005, p. 134).

Oliveira e Jannuzzi (2005) ainda ressaltam que o enfoque mais neoclássico parte do princípio de que os indivíduos em questão acabam por migrar em busca de trabalho, melhores oportunidades e salários, realizando um cálculo racional-econômico para a escolha do destino. Por outro lado, a abordagem histórico-estruturalista indica que a formação dos fluxos de migrantes decorreria das necessidades e dos ditames do desenvolvimento econômico capitalista no país. Ainda para Oliveira e Jannuzzi (2005), “qualquer que seja o ponto de vista, os motivos da migração empreendida – pessoal ou compulsoriamente – seriam os relacionados ao trabalho; e os protagonistas do processo, jovens em pleno potencial produtivo.”.

### **3 BARRO PRETO: HISTÓRIA, GEOGRAFIA, CULTURA E ECONOMIA**

#### **3.1 História da comunidade de Barro Preto**

A comunidade quilombola de Barro Preto, inicialmente chamada de Córrego do Santo Antônio, segundo informações do CEDEFES (2010), teve sua área ocupada na segunda metade do século XIX, sendo os primeiros habitantes da região Tobias Pires, João Grigó da Silva, Francisco Acácio e Quitéria Carneiro. Esta última, a maior proprietária de terras da comunidade. O CEDEFES (2010) ressalta que se acredita que esses habitantes vieram do Rio de Janeiro e da Fazenda das Pedras de Minas Gerais, rumo à comunidade Indaiá, já existente desde o início do século XIX.

Esses habitantes eram escravos fugidos e libertos, em posse de recursos financeiros. Entre estes, Tobias Pires, escravo que povoou o território e deu origem a vários descendentes quilombolas (CEFEDES, 2010). Tobias teve sua figura marcada pela comunidade, sendo lembrado pelos moradores mais velhos da comunidade.

Ainda de acordo com o CEDEFES (2010), alguns fazendeiros apoderaram-se do local

por meios ilícitos, fazendo com que os moradores recuassem para pequenos espaços. Silva e Silva (s/d) ressaltam que o conflito territorial ocorre por conta do plantio de eucalipto, e também daqueles que convencem os moradores mais pobres a venderem suas pequenas glebas para terem um documento que justifique as invasões anteriores.

A origem do nome “Barro Preto” se deve ao costume de antigos moradores que pintavam as suas roupas de preto durante os eventuais períodos de luto, usando de recursos como barro, cipó e gabioba.

### **3.2 Geografia da comunidade de Barro Preto**

Localizada no território de Santa Maria de Itabira, em Minas Gerais, próxima à Região Metropolitana de Belo Horizonte, a comunidade quilombola de Barro Preto é contígua à comunidade do Indaiá, e seu acesso se dá por meio da BR-120 e BR-381. Ainda que Barro Preto seja reconhecida pela Fundação Palmares como comunidade afrodescendente, Silva e Silva (s/d) lembram que seu reconhecimento e legalização territorial junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária ainda é buscado por parte da comunidade. Antigamente, Barro Preto tinha como limites a área ocupada pelos seus antigos moradores, sendo ao norte a Fazenda do Paiol, a leste a comunidade de Indaiá, ao sul a Fazenda das Pedras, e a oeste a BR-120. Toda essa área compreendia do Espigão da Cruz à Fazenda de Cilistrino de Oliveira (CEDEFES, 2010).

Situada em área de clima tropical, a vegetação, adaptada ao clima e às características fisiográficas, é a denominada ambrófila mista, que contém espécies típicas dos ecossistemas cerrado e Mata Atlântica (CEDEFES, 2010). Entre a biodiversidade natural, silvicultura e entre os cultivos de subsistência lá existentes, há também o rio Giral, hoje parcialmente poluído pelo lançamento de agrotóxicos da cultura de eucalipto.

Na atualidade, a paisagem vegetativa de Barro Preto encontra-se com sinais de degradação, devendo-se justamente a agrotóxicos utilizados na silvicultura de eucalipto, à remoção de vegetação de áreas de solo muito arenoso, queimadas, compactação do solo e pisoteio do gado (CEDEFES, 2010).

### **3.3 Cultura da comunidade de Barro Preto**

Culturalmente, a comunidade de Barro Preto é marcada por festas como as de Santo Antônio, comemorada no dia 25 de junho, o Festival Santa-Mariense de Cultura Afro, que

compreende os dias 17 a 20 de novembro, sendo este último o Dia Nacional da Consciência Negra, além da vigília de Natal, no dia 25 de dezembro. As danças da comunidade estão associadas ao batuque, umbigada, moda de quatro, capoeira e quadrilha. Segundo relatos de antigos moradores, antigamente, no povoado era comum a prática da marujada e o hasteamento das bandeiras de Santo Antônio, São Pedro e São Sebastião. Ainda sobre o batuque, a comunidade de Barro Preto possui um grupo local chamado Mãe África, que conta com a participação de jovens de variadas idades à frente dos instrumentos de percussão.

Na entrada da comunidade, encontra-se uma igreja católica, sem referência quanto ao seu nome, e espalhadas pelo território outras igrejas de matriz evangélica. O santo padroeiro de Barro Preto é Santo Antônio, lembrando o primeiro nome da comunidade.

### **3.4 Economia da comunidade de Barro Preto**

Como anteriormente exposto, nas proximidades da comunidade encontram-se fazendeiros produtores de eucalipto, que, eventualmente, se utilizam da mão-de-obra dos residentes de Barro Preto. De acordo com o CEDEFES (2010), a remuneração pelo trabalho, diarista, é irrisória, e a pequena área que é disponível para os moradores é utilizada para a agricultura familiar, de subsistência, e criação de galinhas. Alguns, poucos, criam porcos e gado para a produção de leite para a venda dentro da própria comunidade. Há também a existência do garimpo rudimentar em busca de minerais preciosos, além de extração de palmito (CEDEFES, 2010). Doces e bordados também são comercializados na comunidade, mas há a ocorrência de venda destes a compradores de outras regiões. Algumas famílias de Barro Preto também recebem aposentadoria ou auxílio invalidez do INSS, e aproximadamente 20 famílias recebem doações de parentes ou de outras pessoas que trabalham fora da comunidade. Apesar destes mecanismos promoverem a movimentação da economia de Barro Preto, há relatos de que muitas famílias ainda passam por dificuldades financeiras, e não recebem qualquer tipo de auxílio do governo.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **4.1 Visita à comunidade – 18/05/2019**

A saída de Belo Horizonte com destino à Santa Maria de Itabira foi no dia 18 de maio de 2019, em ônibus fornecido pela PUC Minas. A chegada na comunidade de Barro Preto

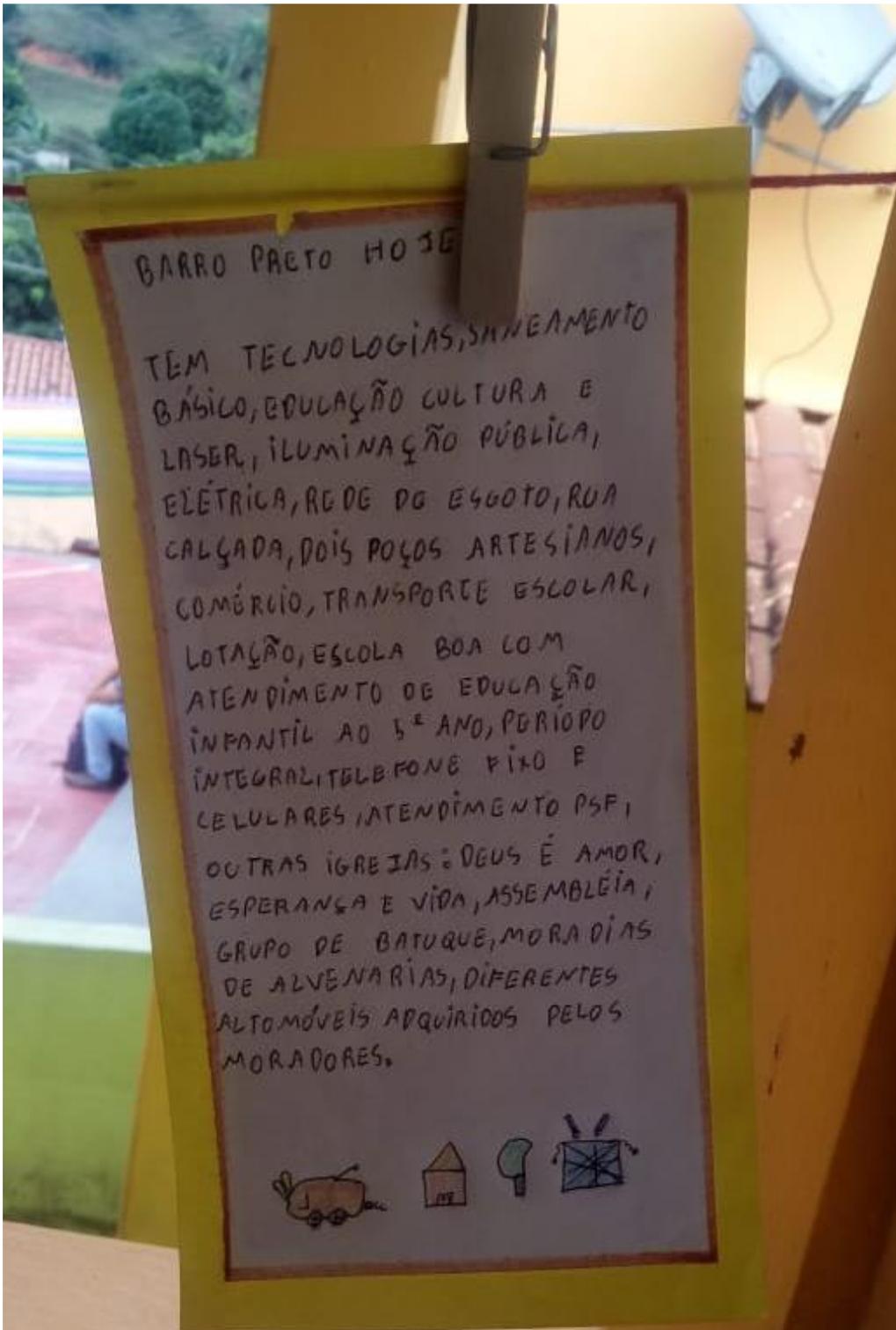
se deu por volta das 11 horas, depois de percorrer as rodovias BR-381, BR-120 e uma estrada vicinal, que, de acordo com informações do CEDEFES (2010), possui cerca de 9 km.

Logo na chegada, a recepção se deu pelo líder comunitário Robson, que se dispôs a acompanhar para mostrar um pouco da comunidade, e também a fazer uma apresentação de percussão com mais alguns jovens naturais de Barro Preto. Na quadra coberta, que fica na entrada da comunidade e ao lado do campo onde jovens jogavam futebol, ocorreu a apresentação do chamado pelos próprios moradores da comunidade, “grupo de batuque” Mãe África, composto naquele momento por cerca de nove jovens incluindo o Robson. Músicas com ritmos conhecidos, a exemplo das do grupo Timbalada, foram tocadas como uma forma de apresentarem-se ao grupo visitantedo dia.

Terminada essa apresentação, o líder comunitário Robson informou ao grupo que posteriormente haveria uma outra, com músicas conhecidas, utilizando também microfones e violão. O grupo do presente trabalho passou, então, a circular pela comunidade para conhecê-la melhor e para colocar em prática a proposta inicial. Antes, o grupo utilizou o roteiro de entrevista com o próprio Robson. Em observação ao local, foi possível identificar que Barro Preto, atualmente, é uma comunidade com aparente desenvolvimento social e de infraestrutura. Foi possível notar a presença de diversas antenas de tv a cabo, e todas as casas observadas durante a visita possuíam energia elétrica. Há calçadas para os pedestres e, apesar de não haver asfaltamento, há um calçamento de pedras nas ruas que evita que sejam puramente de terra. Observou-se também que há sinal de telefonia móvel.

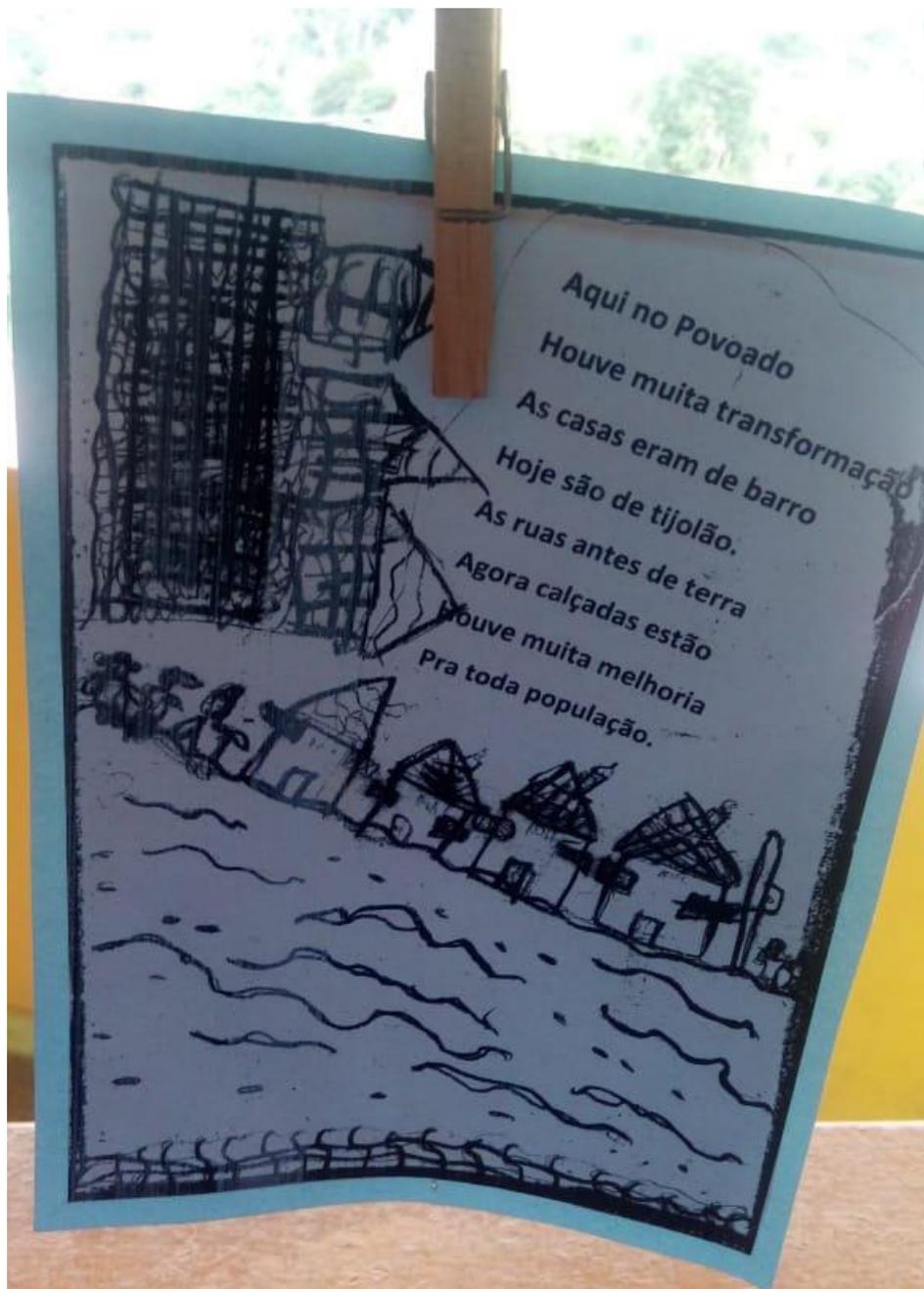
Em sequência, houve um almoço na casa de uma das moradoras de comunidade. Havia grande variedade de alimentos, em grande quantidade. Depois do almoço, o grupo se dirigiu para a escola local, Escola Municipal Padre Estevam Viparelli, onde foi observada que a infraestrutura seguia o padrão das demais da comunidade. Na escola, os funcionários disponibilizaram um vídeo institucional da comunidade que falava sobre festas, datas comemorativas e questões semelhantes. Na área externa, dois varais com mensagens para os visitantes, presas com pregadores de roupa, narram um pouco da comunidade. Na imagem 1 está representada a mensagem com especificações atuais de Barro Preto. Na imagem 2, em forma de cordel, está representada a mensagem com transformações da comunidade ao longo do tempo.

Imagem 1 – Mensagem com especificações atuais de Barro Preto



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

**Imagem 2 – Mensagem com transformações da comunidade ao longo dos anos**



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Depois da observação na escola, houve então a aplicação de questionários junto aos jovens da comunidade. Terminada essa aplicação, o grupo de percussão Mãe África se apresentou novamente aos visitantes na quadra coberta.

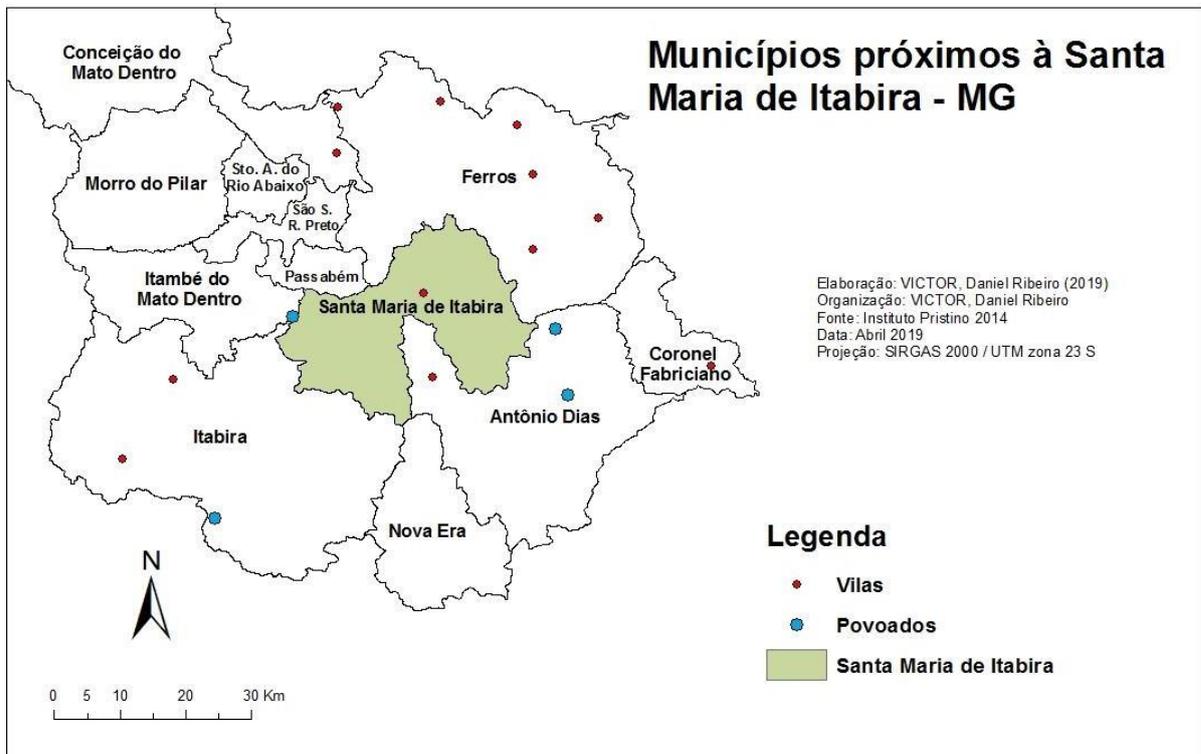
#### **4.2 Entrevista com o líder comunitário**

O líder comunitário Robson, inicialmente, foi questionado sobre a visão dele no que diz

respeito à sensação de pertencimento dos jovens em relação à comunidade de Barro Preto. Na sua opinião, os jovens são bem adaptados à sua realidade quilombola, através da existência do grupo de percussão composto por 35 integrantes entre jovens e crianças. Robson reforçou que todos possuem orgulho em serem quilombolas, relatando que, em qualquer lugar aonde vão, eles possuem prazer em informar sua origem.

Questionado sobre a facilidade dos jovens de encontrar emprego na comunidade ou se precisam migrar para cidades vizinhas, Robson informou que esta é uma das grandes dificuldades que a comunidade quilombola enfrenta, uma vez que a região onde está localizada a comunidade de Barro Preto não possui muitas oportunidades de emprego, fazendo com que os jovens tenham de migrar ao se formarem no ensino médio, mas retornam nos fins de semana e feriados. Os destinos de migração mais comuns, de acordo com Robson, são Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Itabira, sendo este último onde há o maior índice de empregabilidade. Ele afirma que há cerca de 150 pessoas naturais de Barro Preto que residem fora da comunidade. Na imagem 3, há a região circunvizinha de Santa Maria de Itabira. Nota-se através dela que a cidade encontra-se afastada dos grandes centros urbanos, o que auxiliou a fundamentação da presente pesquisa neste foco de migração, trabalho e estudo.

**Imagem 3 – Região de Santa Maria de Itabira – MG**



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

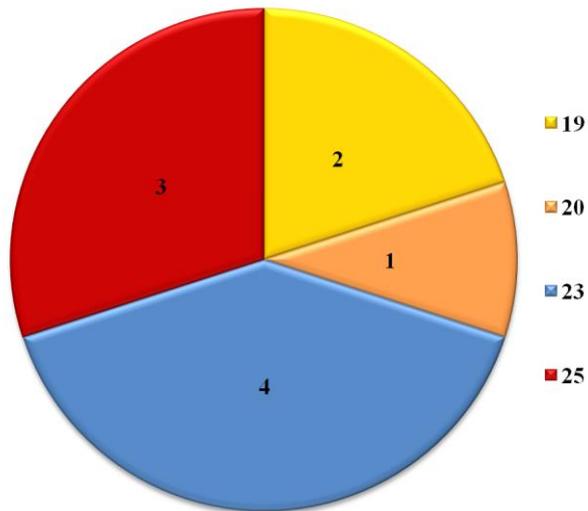
Ainda sobre a entrevista com o líder comunitário, houve o questionamento sobre se os jovens que migram para trabalhar também têm interesse em migrar para ingressar no ensino superior. Robson respondeu que, atualmente, sim, há este interesse, esta realidade “mais visível” (nas palavras dele). Antigamente, no entanto, Robson alega que a migração era apenas para trabalho, mas hoje há sim pessoas que prestam o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para pleitear uma bolsa de estudos para a faculdade. Relata, também, que a comunidade já possui alguns moradores formados, sendo um deles em Ciências Contábeis, outro em Pedagogia e um outro prestes a se formar em Programação de Computadores. Robson ressalta, no entanto, que nem todos os jovens que precisaram migrar residem nas outras cidades, fazendo o chamado “movimento pendular”, ou seja, moram na comunidade, mas trabalham/estudam fora. Ele também deu um exemplo pessoal de que faz um curso técnico em mecânica pelo SENAI, em Itabira, explicando, assim, que estuda na cidade vizinha, mas mora em Barro Preto.

Questionado sobre se já ocorreu de um dos jovens que migraram, seja para estudar e/ou trabalhar, não retornar mais à comunidade, Robson foi categórico ao afirmar que isso jamais ocorreu e que eles sempre retornam, mesmo aqueles que já compraram residência nas outras cidades. Ele também deu o exemplo de duas irmãs que residem fora de Barro Preto, mas, ao menos uma vez por mês, visitam a comunidade. Relatou que lá eles possuem datas festivas e, quando ocorrem, “*esse Barro Preto não cabe de pessoas*” (nas palavras dele). Um outro exemplo pessoal de Robson é o fato de ter trabalhado fora da comunidade por 10 anos, informando, novamente, que, como ele, ninguém vai e fica, todos retornam. Todos têm suas casas na comunidade, e só migram por conta do emprego, mas sempre retornam.

### **4.3 Resultado dos questionários aplicados**

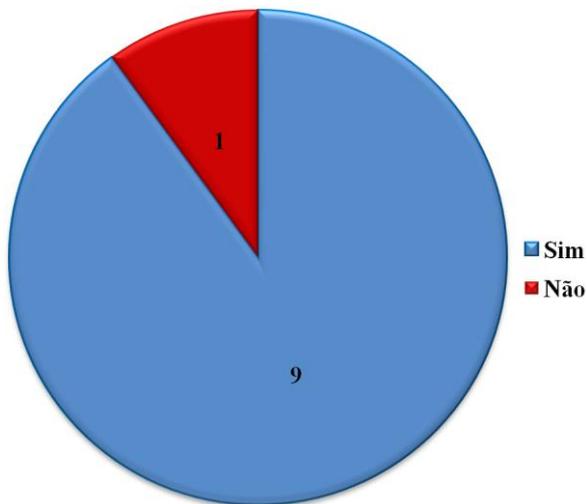
A aplicação de questionários submeteu 10 pessoas da comunidade, de forma anônima, entre as quais 5 eram mulheres e 5 eram jovens, com idade de 19 a 25 anos, e gerou os seguintes gráficos.

**Gráfico 1 – Idade**



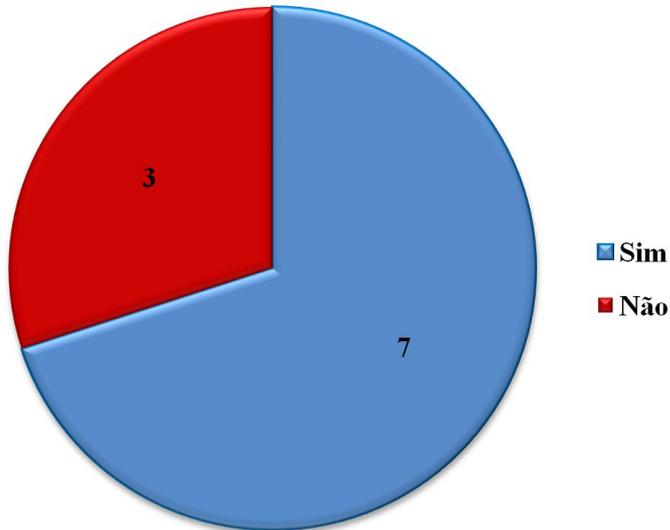
Fonte: Questionários aplicados (2019).

**Gráfico 2 - Você se sente pertencente à comunidade de Barro Preto, tanto em relação ao território quanto em relação à cultura presente neste local?**



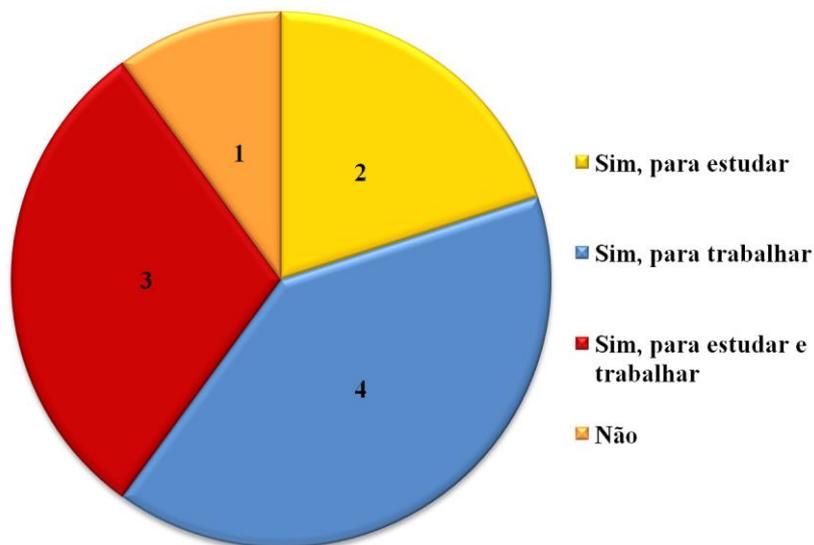
Fonte: Questionários aplicados (2019).

**Gráfico 3 - Você acompanha comemorações e/ou qualquer tipo de festa típica realizadas na comunidade?**



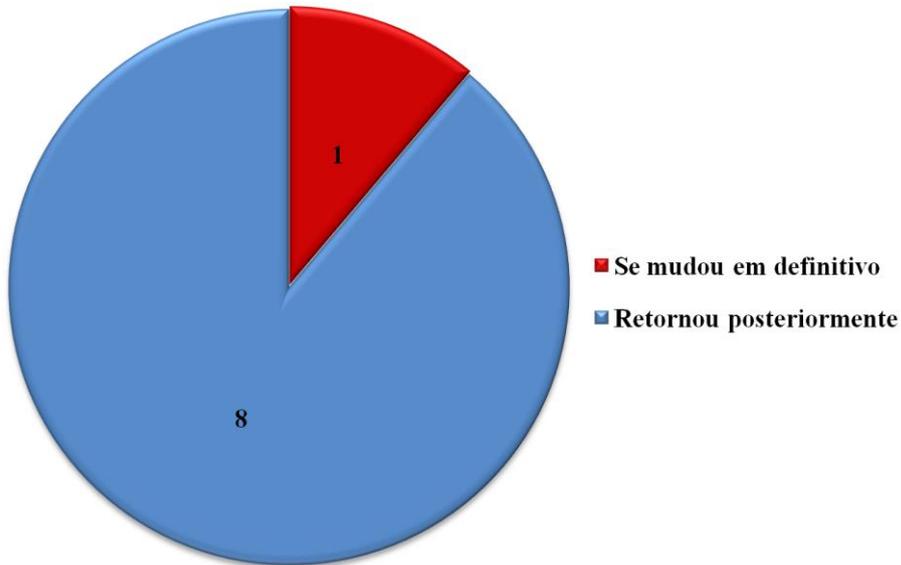
Fonte: Questionários aplicados (2019).

**Gráfico 4 - Você conhece alguém que já tenha ido para outra cidade, próxima ou distante, para trabalhar e/ou estudar?**



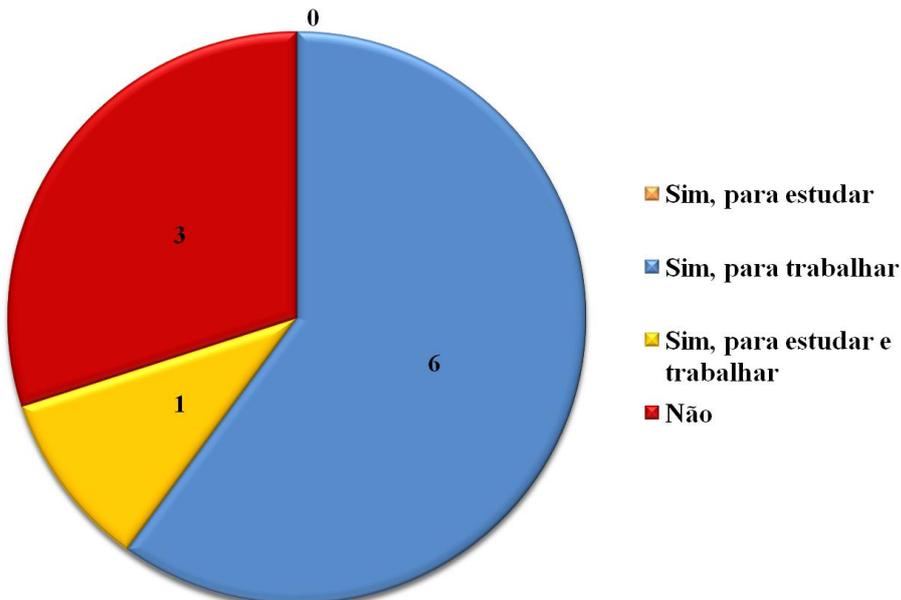
Fonte: Questionários aplicados (2019).

**Gráfico 5 - Se sim para a questão de nº 4, essa ida foi definitiva ou quem se mudou retornou para a comunidade posteriormente?**



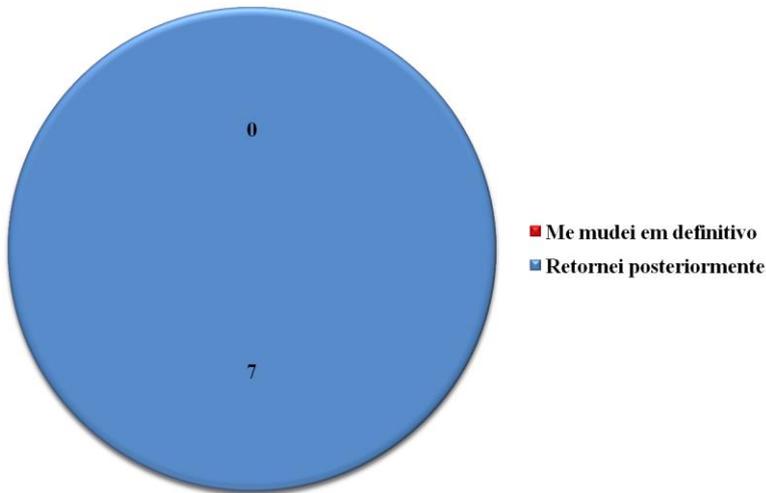
Fonte: Questionários aplicados (2019).

**Gráfico 6 - Você já teve que ir para outra cidade, próxima ou distante, para trabalhar e/ou estudar?**



Fonte: Questionários aplicados (2019).

**Gráfico 7 - Se sim para a questão de nº 6, essa ida foi definitiva ou você retornou para a comunidade posteriormente?**



Fonte: Questionários aplicados (2019).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da entrevista realizada com Robson, o líder comunitário de Barro Preto, e dos questionários aplicados, foi possível compreender a relação que os jovens têm em relação à comunidade quilombola em que residem. O que foi dito por Robson ao longo de sua entrevista foi corroborado pelos questionários aplicados, e a metodologia participativa utilizada foi essencial para identificar os pontos de mais identificação dos jovens residentes.

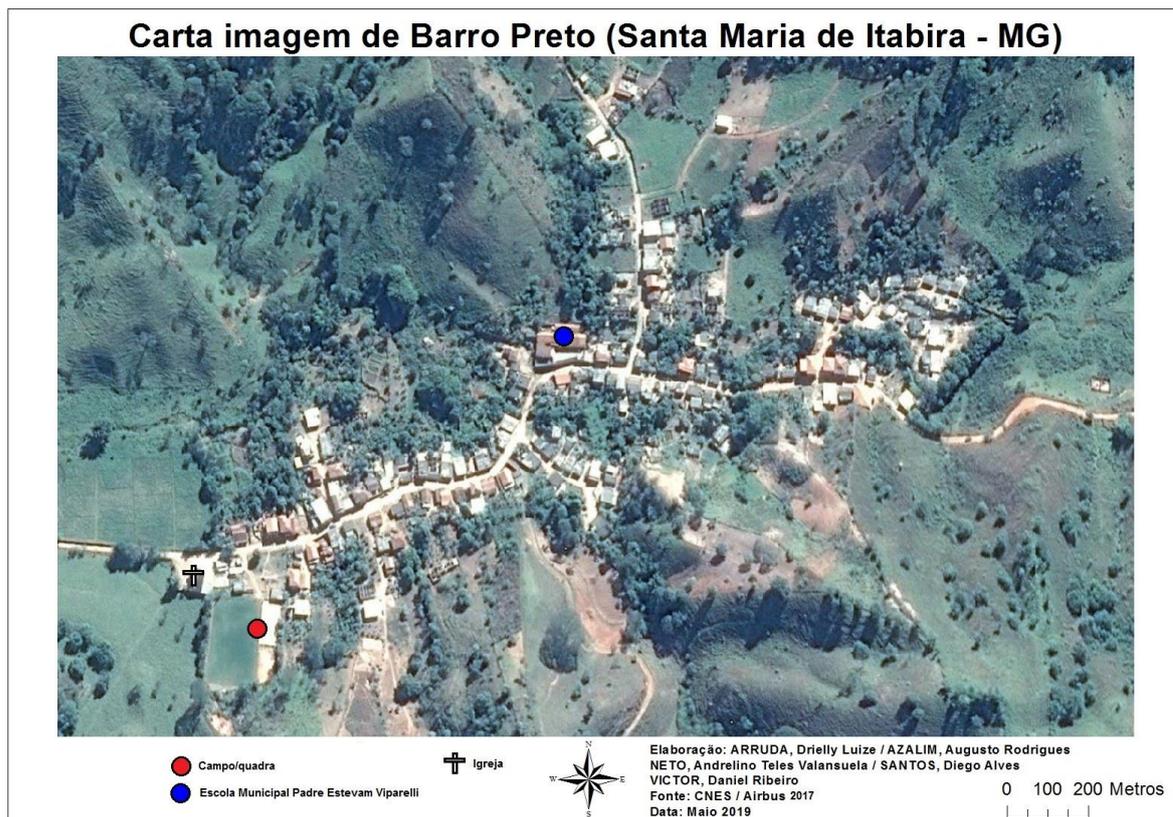
Em termos de trabalho e estudo, a pesquisa conseguiu confirmar sua hipótese inicial, bem como atingir seus objetivos propostos, uma vez que os entrevistados demonstraram com suas respostas que há uma intensa dificuldade em conseguir ocupação de trabalho e/ou estudo tanto em Barro Preto quanto Santa Maria de Itabira e cidades circunvizinhas, fazendo com que a maioria dos jovens quilombolas tenham que deixar a comunidade ao se formarem no ensino médio em busca de melhores oportunidades acadêmicas e/ou profissionais. A pesquisa também conseguiu identificar que a migração dos jovens não é total, isto é, eles nunca migram de forma definitiva para os grandes centros urbanos.

De acordo com os gráficos e com a entrevista de Robson, o processo migratório que ocorre na comunidade quilombola de Barro Preto é um movimento pendular parcial, pois aqueles que não residem lá retornam frequentemente aos finais de semana e feriados, e os que residem, trabalham/estudam ao longo do dia e retornam à noite. Esse retorno dos jovens

quilombolas, por outro lado, pauta-se também na questão da sensação de identificação e pertencimento para com a comunidade onde nasceram e cresceram, bem como seu território.

Durante a preparação do projeto para ser desenvolvido na comunidade e que resultou neste trabalho, foi necessário reunir uma série de informações que fossem relevantes para o desenvolvimento da pesquisa em campo. Isto, no entanto, revelou uma considerável dificuldade em encontrar estas informações, sobretudo no que se refere a mapas, uma vez que o *Google Maps*, principal plataforma, não dispõe do local exato da comunidade. Dessa forma, após uma constante busca nas imagens de satélite da própria plataforma *Google Maps*, foi possível localizar a Comunidade Quilombola de Barro Preto. Produziu-se, assim, depois da visita a campo, uma representação cartográfica (carta imagem) impressa em tamanho A1, com alguns pontos de referência evidenciados pelos próprios moradores em conversas informais. Essa representação cartográfica, que pode ser visualizada na imagem 4, foi encaminhada aos moradores da Comunidade Quilombola de Barro Preto, posteriormente.

#### Imagem 4 – Carta imagem da Comunidade Quilombola de Barro Preto



Fonte: Arquivo pessoal.

Estes pontos também foram considerados para que, através deles, quem estiver portando a carta imagem produzida e impressa, possa se referenciar dentro do território da comunidade de Barro Preto.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Bases para a formulação da política brasileira de desenvolvimento rural: agricultura familiar e desenvolvimento territorial**. Brasília:IPEA, 1998. 25 p.
- ARAÚJO, Herton Ellery *et al.* **A migração interna dos jovens como alternativa para melhorar sua inserção no mundo do trabalho** - evidências a partir dos censos de 2000-2010. *In: XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais - População, Governança e Bem-Estar*. São Pedro. 2014. 21p
- CEDEFES. **Barro Preto**. 2010. Disponível em: [http://www.cedefes.org.br/projetos\\_realizados-103/](http://www.cedefes.org.br/projetos_realizados-103/). Acesso em: 01 jun. 2019.
- FLORES, Murilo. A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento – uma visão do estado da arte. *In: Territorios con identidad cultural*. Santiago, 2006. 47 p.
- LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil: Questões conceituais e normativas**. 2000. Florianópolis: Etnográfica, vol. IV (2), p. 333-354.
- LITTLE, Paul. **Territórios Sociais e Povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. *In: Simpósio “Natureza e Sociedade: desafios epistemológicos e metodológicos para a antropologia”*. XXIII Reunião brasileira de antropologia, Gramado-RS, 19 jun. 2002.
- OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANNUZZI, Paulo de Martino. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste - padrões etários, por sexo e origem/destino. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 134-143, out./dez. 2005.
- SILVA, Lussandra Martins da; SILVA, Sandra Maria Lucas Pinto. **Identidade territorial da Comunidade Rural Quilombola do Barro Preto - Santa Maria do Itabira-MG: cartografada e recriada pela técnica da história oral**. S/d. Artigo. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/34.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2019.
- TIZON, Philippe. Le territoire au quotidien. *In: DI MEO, G. Les territoires du quotidien*. Paris: L'harmattan, 1995. p. 17-34.